

Teologia das Religiões

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marçal Ribeiro
(Organizadores)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marcal Ribeiro
(Organizadores)

Teologia das Religiões

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T314 Teologia das religiões [recurso eletrônico] / Organizadores Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marcal Ribeiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-068-1

DOI 10.22533/at.ed.681192401

1. Religião. 2. Teologia – Estudo e ensino. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Ribeiro, Paulo Rennes Marcal.

CDD 200.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Sonhos se constroem com várias mãos”. Assim nasceu esse trabalho. Assim nascem os projetos de Solange Monteiro e Paulo Rennes. Assim se fertilizam em nós os seus sonhos. Assim se tecem as malhas de que é composto este todo universo da Diversidade. As questões que nos inquietam, os dilemas que nos afligem, os paradigmas que nos desafiam em práticas acadêmicas, docentes, constantes, se imbricam no amálgama pulsante desta obra que visa, acima de tudo, “desacomodar”. Pois que tudo que pulsa é vivo, está imerso na dinâmica do que se transforma, no impulso do que se recria, na ânsia do que se reinventa. Esta a matéria de que se alimenta essa reunião de pensamentos, essas vozes que se encontram, esses fios que se comungam em discussões teóricas. Desacomodar diante de tudo que não é “deslimite”, como diria Manoel de Barros. Trazer ao centro das discussões tudo que possa ter ficado à margem, de alguma forma. Questões relativas à religião, identidade, cultura, formação, representatividade, alienação, persuasão, silenciamento, subalternidade, apropriação, resistência. Assim é que o primeiro artigo deste livro, de autoria Edson Munck Junior Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora **“Vim para sofrer as influências do tempo / E para afirmar o princípio eterno de onde vim”**: a resignificação do sagrado em Murilo Mendes. O objetivo do trabalho é o de contribuir para o debate pertinente a obra poética *Tempo e eternidade*, publicada por Murilo Mendes em 1935, pode ser lida como promotora de diálogo entre o modernismo e a tradição bíblico-cristã. O livro, elaborado em parceria com o poeta Jorge de Lima, tinha, em sua primeira edição, a epígrafe “restauraremos a Poesia em Cristo”. No artigo **A Doutrina da Salvação no Brasil e a Violência Contra a Mulher e Os Direitos Humanos**, autora pretende demonstrar que nas matrizes mentais do pensamento vigente brasileiro existe uma influência teológica visibilizadas em imagens e em crenças, e que essas representações, além de serem extremamente violentas, revelam dois paradigmas cunhados na história do cristianismo e recriados na colonização do Brasil pela América Portuguesa. Os temas polêmicos também estão presentes no artigo, a Imprudência de Moisés, uma Reflexão a Partir de Números 20.2-13. Com o objetivo de vislumbrar qual teria sido a atitude que Moisés praticou, que o impediu de entrar na Terra Prometida de Reginaldo Pereira de Moraes Faculdades Batista do Paraná, PPG Teologia (Mestrado Profissional) Curitiba – Paraná. **No Artigo “a Influência dos Movimentos Sociais na Formação da vontade do Estado Brasileiro e na Promoção dos Direitos Humanos** das autoras de Rosângela Angelin e Maitê Alexandra Bakalarczyk Corrêa, aborda o tema *Direitos Humanos e Movimentos Sociais no Brasil*, tendo como parâmetro indagar acerca da influência dos movimentos sociais na formação da vontade do Estado brasileiro e na consequente promoção dos direitos humanos. **No artigo A questão Fenomênica da Morte e a Possibilidade de uma Fenomenologia do Morrer nas Ciências das Religiões** de autoria de Ana Cândida Vieira Henriques, a autora pretende expor os

diferentes conceitos de morte, visto que o termo se reveste de vários significados, com o intuito de que essa distinção possa nos fornecer subsídios suficientes para pensar numa fenomenologia do morrer no âmbito das Ciências das Religiões. Arraias – TO e a Festa de Nossa Senhora das Candeias: Aspectos Histórico-Devocionais de autoria de Joaquim Francisco Batista Resende, descreve a história da cidade e sua correlação com a vivência da fé cristã a partir desse festejo. Relatar-se-á historicamente a devoção, numa retrospectiva dentro da história da Igreja do Brasil e sua inserção na vida da comunidade. No artigo **Campanhas da Fraternidade Ecumênicas: Espaço para a Convivência Ecumênica de Crianças, Adolescentes e Jovens** dos autores Luís Felipe Lobão de Souza Macário CEM Joana Benedicta Rangel / CE Elisiário Matta Maricá/RJ, sobre as campanhas da fraternidade ecumênicas realizadas nos anos de 2000, 2005 e 2010, utilizando como principais fontes de pesquisa seus respectivos manuais para, através de uma leitura crítica, destacar sua origem, sua organização, seus objetivos gerais e específicos, assim como o desenvolvimento de seus temas. No artigo **Os Sentidos para Confissão Católica no Discurso do Papa Francisco**, dos autores Heitor Messias Reimão de Melo, Letícia Jovelina Storto, Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marçal Ribeiro os autores procuram analisar a ressignificação das questões doutrinárias e do sacramento da confissão, buscando (des)construir o discurso religioso. Para isso, está fundamentada em Brandão (2004), Orlandi (2015a, 2015b, 2005, 2001), Lagazzi (1988) e Chauí (1984). **Descalça-te, a Terra é Sagrada: A Hermenêutica de Luís da Câmara Cascudo Na História Bíblica Do Êxodo 3:5.** de autoria Erielton de Souza Martins, este artigo relata artigo relata sobre o gesto simples de Moisés ao retirar as sandálias para adentrar num lugar sagrado, sinal este que perdura em algumas culturas há milênios. No artigo o **Hibridismo Religioso: As Tradições Católicas, Afro-Brasileiras e o Espiritismo** de autoria de Eroflim João de Queiroz, o autor investigar nas tradições religiosas católicas e afro-brasileiras a influência do hibridismo religioso nos elementos apropriados pela doutrina Kardecista para sua configuração no Recife. No artigo **Morte e Medo: Compreendendo a Finitude Humana a Partir de Levinas**, o autor Anderson Fernando Rodrigues Mendes Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP investigar a compreensão sobre a morte na filosofia de Emmanuel Levinas (1905-1995), e suas repercussões psicológicas próprias do evento do morrer, como, por exemplo, o medo e a angústia. No artigo O Filho e o Espírito Santo, de autoria de Aurea Marin Burocchi. A autora busca realizar uma aproximação do Espírito Santo da vida cotidiana dos homens e das mulheres de hoje, favorecendo a riqueza do viver a comunhão da vida trinitária. **Morte e Medo: Compreendendo a Finitude Humana a Partir de Levinas, de autoria de** Anderson Fernando Rodrigues Mendes, que investigar a compreensão sobre a morte na filosofia de Emmanuel Levinas (1905-1995), bem como suas repercussões psicológicas próprias do evento do morrer, como, por exemplo, o medo e a angústia. No artigo **O Livro de Ester: Análise do Livro A partir da Teoria da Enunciação e Sua Contribuição para Compreensão da**

História, de autoria de João Carlos Domingues dos Santos Rodrigues, o autor busca mostrar não neutralidade a linguagem, marcada pelas influências que recebemos e por como o outro a acolhe. No artigo **Os fundamentos e missão da pastoral do meio ambiente** de autoria de Ulysses Gusman Júnior, aborda sobre o documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe apresenta-nos a necessidade do cuidado com a criação, lembrando que a criação é manifestação do amor providente de Deus.

No artigo religião e Esfera Pública: Os Riscos da Violação de Neutralidade do Estado Laico de autoria de Sérgio Murilo Rodrigues, aborda as duas teses centrais de Carl Smith em *Politische Theologie* (1922) são: “soberano é quem decide sobre o estado de exceção” e “todos os conceitos expressivos da doutrina do Estado moderna são conceitos teológicos secularizados”. **Religião e Religiosidade entre os Imigrantes Japoneses no Rio Grande Do Sul: Diálogos Culturais entre Brasil e Japão dos autores Tomoko Kimura Gaudioso e André Luis Ramos Soares**, o trabalho busca apresentar as adaptações, remanejamento e práticas religiosas percebidas entre os imigrantes japoneses residentes na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **Sujeito de Direitos Humanos, Sujeito da Cultura Hebraica e Sujeito em Alain Touraine: Interfaces, o autor** Noli Bernardoahn procura-se demonstrar interfaces possíveis entre a compreensão de Alain Touraine sobre sujeito e ator/atriz social, o sujeito profético da cultura hebraica, especificamente a partir do livro bíblico de Miquéias 3,8, e o sujeito de direitos humanos, compreendendo-o situado espacial e temporalmente. No artigo **UMA PERSPECTIVA PARA A TEOLOGIA DA SAÚDE NO CONTEXTO DA CAPELANIA HOSPITALAR**, o autor Rômulo Anderson Matias Ferreira, investiga a relação íntima com a corporeidade até o ponto de não poder prescindir dela. A partir da definição de saúde pela Organização Mundial de Saúde, é cada vez mais pacífico que a saúde é uma realidade multidimensional, fazendo surgir a necessidade de compreensão dos aspectos que a compõem.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	10
“VIM PARA SOFRER AS INFLUÊNCIAS DO TEMPO / E PARA AFIRMAR O PRINCÍPIO ETERNO DE ONDE VIM”: A RESSIGNIFICAÇÃO DO SAGRADO EM MURILO MENDES	
Edson Munck Junior	
DOI 10.22533/at.ed.6811924011	
CAPÍTULO 2	17
A DOCTRINA DA SALVAÇÃO NO BRASIL E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E OS DIREITOS HUMANOS	
Claudete Ribeiro de Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.6811924012	
CAPÍTULO 3	28
A IMPRUDÊNCIA DE MOISÉS, UMA REFLEXÃO A PARTIR DE NÚMEROS 20.2-13	
Reginaldo Pereira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.6811924013	
CAPÍTULO 4	40
A INFLUÊNCIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA FORMAÇÃO DA VONTADE DO ESTADO BRASILEIRO E NA PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS	
Rosângela Angelin	
Maitê Alexandra Bakalarczyk Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.6811924014	
CAPÍTULO 5	56
A QUESTÃO FENOMÊNICA DA MORTE E A POSSIBILIDADE DE UMA FENOMENOLOGIA DO MORRER NAS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES	
Ana Cândida Vieira Henriques	
DOI 10.22533/at.ed.6811924015	
CAPÍTULO 6	69
ARRAIAS – TO E A FESTA DE NOSSA SENHORA DAS CANDEIAS: ASPECTOS HISTÓRICO-DEVOCIONAIS	
Joaquim Francisco Batista Resende	
DOI 10.22533/at.ed.6811924016	
CAPÍTULO 7	75
SENTIDOS PARA CONFISSÃO CATÓLICA NO DISCURSO DO PAPA FRANCISCO	
Heitor Messias Reimão de Melo	
Letícia Jovelina Storto	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.6811924017	
CAPÍTULO 8	86
CAMPANHAS DA FRATERNIDADE ECUMÊNICAS: ESPAÇO PARA A CONVIVÊNCIA ECUMÊNICA DE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS	
Luís Felipe Lobão de Souza Macário	
DOI 10.22533/at.ed.6811924018	

CAPÍTULO 9	95
DESCALÇA-TE, A TERRA É SAGRADA: A HERMENÊUTICA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO NA HISTÓRIA BÍBLICA DO ÊXODO 3:5.	
Erielton de Souza Martins	
DOI 10.22533/at.ed.6811924019	
CAPÍTULO 10	102
HIBRIDISMO RELIGIOSO: AS TRADIÇÕES CATÓLICAS, AFRO-BRASILEIRAS E O ESPIRITISMO	
Eroflim João de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.68119240110	
CAPÍTULO 11	113
MORTE E MEDO: COMPREENDENDO A FINITUDE HUMANA A PARTIR DE LEVINAS	
Anderson Fernando Rodrigues Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.68119240111	
CAPÍTULO 12	121
O FILHO E O ESPÍRITO SANTO	
Aurea Marin Burocchi	
DOI 10.22533/at.ed.68119240112	
CAPÍTULO 13	137
O LIVRO DE ESTER: ANÁLISE DO LIVRO A PARTIR DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA COMPREENSÃO DA HISTÓRIA	
João Carlos Domingues dos Santos Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.68119240113	
CAPÍTULO 14	144
OS FUNDAMENTOS E MISSÃO DA PASTORAL DO MEIO AMBIENTE	
Ulysses Gusman Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.68119240114	
CAPÍTULO 15	153
RELIGIÃO E ESFERA PÚBLICA: OS RISCOS DA VIOLAÇÃO DE NEUTRALIDADE DO ESTADO LAICO	
Sérgio Murilo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.68119240115	
CAPÍTULO 16	160
RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE ENTRE OS IMIGRANTES JAPONESES NO RIO GRANDE DO SUL: DIÁLOGOS CULTURAIS ENTRE BRASIL E JAPÃO	
Tomoko Kimura Gaudioso	
André Luis Ramos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.68119240116	
CAPÍTULO 17	167
SUJEITO DE DIREITOS HUMANOS, SUJEITO DA CULTURA HEBRAICA E SUJEITO EM ALAIN TOURAINE: INTERFACES	
Noli Bernardo Hahn,	
DOI 10.22533/at.ed.68119240117	

CAPÍTULO 18	180
UMA PERSPECTIVA PARA A TEOLOGIA DA SAÚDE NO CONTEXTO DA CAPELANIA HOSPITALAR	
Rômulo Anderson Matias Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.68119240118	
SOBRE OS ORGANIZADORES	186

SENTIDOS PARA CONFISSÃO CATÓLICA NO DISCURSO DO PAPA FRANCISCO

Heitor Messias Reimão de Melo

Doutorando em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Letícia Jovelina Storto

Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Centro de Letras, Comunicação e Artes, Cornélio Procópio, Paraná.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Araraquara, São Paulo.

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Universidade Estadual de Araraquara (UNESP) Araraquara, São Paulo

RESUMO: O ato de ir contra os mandamentos da Igreja faz com que muitos fiéis entrem em um campo de contradição com as vontades do Sujeito Superior, que é Deus. Confessar aos olhos da Igreja, e na boca do Papa, traz a ideia de reconciliação, de modo que o ato se torna uma forma de o homem se redimir de um “erro” cometido, ou seja, uma ação contra as ordens da Igreja. Segundo Chauí (1984), o confessar expõe o penitente a uma situação de “nada”, aquele que erra, aquele que não obedece, fazendo-o humilhar-se para ser perdoado. Ao expor os seus erros, quem confessa expõe sua pequenez, seu lado humano. Diante disso, este trabalho pretende analisar, sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, duas

entrevistas realizadas com o Papa Francisco, o Bispo de Roma, com o objetivo de verificar mais precisamente a ressignificação das questões doutrinárias e do sacramento da confissão, no sentido de (des)construir o discurso religioso. Para tanto, esta pesquisa está fundamentada em teóricos da Análise do Discurso e da Filosofia, como Brandão (2004), Orlandi (2015a, 2015b, 2005, 2001) e Chauí (1984). Por meio da análise do discurso do Papa, verificou-se que alguns fiéis, interpelados pelo Discurso Religioso, sofrem e aceitam a coerção, a interpelação, o que não é regra, pois o que para uns é a solução (alcançar o perdão de Deus), para outros significa repressão e exposição ao “ridículo”.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Discurso Religioso; Confissão; Papa Francisco.

ABSTRACT: The act of contradicting the commandments of the Church causes many believers to enter into a field of contradiction with the wills of the Higher Person, who is God. Confessing in the eyes of the Church, and in the pope's mouth, brings an idea of reconciliation, so that it can become a form of man to redeem a mistake, that is, an action against the orders of the Church. According to Chauí (1984), confession exposes the penitent to a situation of “nothing,” the one who fails, the one who does not obey, causing him to humble himself

to be forgiven. In exposing his errors, those who confess expose their smallness, their human side. From this point of view, this study was analyzed from the perspective of a French Speech, two evenings with Pope Francis, the Bishop of Rome, in order to mark the (re)signification of words and to make the sacrament of confession, no sense of to build religious discourse. To do so, this research is based on discourse and philosophical theorists, such as Brandão (2004), Orlandi (2015a, 2015b, 2005, 2001) and Chauí (1984). Through the analysis of the discourse of the father, it was verified that some believers, questioned by the Religious Discourse, suffer and make difficult the coercion, an interpellation, which is not a rule, is a problem for a solution. , for other meanings of repression and exposure to ridicule.

KEYWORDS: Discourse Analysis; Religious Discourse; Confession; Pope Francisco.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Maioritariamente, a sociedade cristã ocidental tem como base as regras ditadas pela Igreja Católica, sendo, segundo Orlandi (2011), um discurso opressor e exigente, no qual as “leis de Deus” são impostas a quem queira seguir os ensinamentos daquele que é considerado o Sujeito-Mor, o Ser Superior, Deus, assim como é denominado por Orlandi (2011). Por mais que a religião seja algo não concreto, impalpável, até considerado utópico, como assim como afirma Melo (2018), seus discursos são um dos grandes influenciadores para os fiéis, os quais, geralmente se submetem às imposições da própria Igreja e age como “um suporte social, no qual os sujeitos se espelham (MELO, p. 25, 2018).

Percebem-se, no Discurso Religioso, contradições em suas ordens de liberdade, ou seja, Deus que “presenteou” os sujeitos fiéis com o Livre Arbítrio (Gálatas 5:1), é o mesmo que deixa seu legado de santidade a ser seguido, tais como os mandamentos, em outras palavras, é o discurso que se constituiu na/pela “normatização de seus atos” (MELO, 2018, p.25).

Porém, para que não aja “ranger de dentes”, nem desespero dos fiéis praticantes dos mandamentos, a Igreja Católica Apostólica Romana traz, em suas doutrinas, o sacramento da reconciliação ou a reparação dos pecados. De acordo com Pêcheux (1990), o que ocorre é um “efeito religioso“, no qual se configura na maneira como o próprio discurso constrói sua imagem, perante um social, fazendo com que o seu reconhecimento seja inquestionável. É, por este ato, que o confessor/pecador expõe suas fraquezas a um sacerdote, o qual recebeu a ordem para perdoar em nome de Deus. O sacramento tem sido questionado por uns, a exemplo de Chauí, em *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida* (1984), e defendido por outros, como o Papa Francisco, em uma entrevista dada ao Padre Antonio Spadaro, no dia 19 de agosto de 2013, na Casa de Santa Marta.

Assim, esta pesquisa tem por objetivo analisar a ressignificação das questões

doutrinais e do sacramento da confissão, buscando (des)construir o discurso religioso. Para isso, está fundamentada em Brandão (2004), Orlandi (2015a, 2015b, 2005, 2001), Lagazzi (1988) e Chauí (1984). E tem como pergunta norteadora analítica, de que maneira a confissão católica, materializada na fala do Papa Francisco, constrói cursos e percursos e/em produção de significação.

2 | ANÁLISE DO DISCURSO: DELIMITAÇÃO E CONCEITOS BÁSICOS

A presente pesquisa está balizada nos estudos realizados na área de Análise de Discurso (AD) de linha francesa, conceitualizada por Michel Pêcheux, área que define a linguagem como território situado entre o homem e a realidade natural e social em que vive, porém, longe dos domínios dos sujeitos, pois o mesmo não se configura como dono do seu dizer, apenas um (re)produtor inconsciente das ideologias materializadas em sua fala. Historicamente, a Análise de Discurso surgiu da abertura dada pelos formalistas russos, os quais, ao buscarem os encadeamentos “transfrásticos”, “superam a abordagem filológica ou impressionista que até então dominava os estudos da língua” (BRANDÃO, 2004, p.13). Mesmo que essa abertura não tenha chegado “às últimas conseqüências” (BRANDÃO, 2004, p.13), favoreceu, de forma significativa, o “surgimento” da AD. Assim, em 1960 na França, com Pêcheux, é “inaugurada” essa disciplina, cujas vertentes são a francesa e a americana. Aquela, foco desta pesquisa, é resultado de “uma articulação entre a linguística [*sic*], o marxismo e a psicanálise” (BRANDÃO, 2004, p.16), resultante, pois, do trabalho de estudiosos da língua, da cognição e da sociedade.

A linha francesa da AD vê o homem como um ser assujeitado ao que está à sua volta, aos discursos que o perpassam e o que o constroem, de modo a o discurso não poder ser analisado fora de suas condições de produção, fora de seus contextos mediato e imediato, fora de suas ideologias. Diante disso, há, necessariamente, uma relação entre o dito (e a forma como foi dito) e as suas condições de produção. Coloca-se, assim, “a exterioridade como marca fundamental” da análise que se realiza (BRANDÃO, 2004, p.15).

Assim, a AD francesa não se pauta no estudo da gramática ou da língua como unidade abstrata. AAD estuda o discurso, a prática da linguagem que está em constante movimento, mudança. Discurso que passa de pessoa por pessoa, a qual o incorpora e, por sua vez, atribui-lhe próprias formas. Como explica Orlandi (2005, p. 15),

A Análise de Discurso, como o seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Na AD, a materialidade linguística, que se compõe de signos que significam,

serve como meio para se chegar ao seu objeto de estudo, o discurso (ORLANDI, 2005), pois “a análise de discurso leva em consideração a materialidade do texto e a construção de dispositivos da interpretação” (ORLANDI, 2005, p. 25). Assim, a AD parte da ideia “de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia” (ORLANDI, 2005, p.17).

Desse modo, buscar efeitos de sentidos sobre o texto é o objetivo da análise. Isso porque, de acordo com Orlandi, podemos “pensar a noção de funcionamento para o ‘texto’, em sua relação com a exterioridade. Nem, de um lado, só a língua, nem de outro só a situação-lá, o fora”. Com isso, observa-se “a materialidade do texto” sem se abandonar “o exterior específico (o real da história), mas o considero atravessado pelo exterior constitutivo (o interdiscurso)” (ORLANDI, 2015a, p.4).

Considerando que se devem examinar as condições de produção dos enunciados, não há discurso (nem texto) sem o sujeito, já que a sua historicidade e os discursos que o constituem são influenciados pela produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais. Isso porque “a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este se submete à língua significante e significando-se pelo simbólico na história” (ORLANDI, 2001, p.19), ou ainda “ao inscrever-se na língua o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, daí resultando uma forma sujeito histórica” (ORLANDI, 2015b, p.02). Ideologia que se materializa no discurso, o qual, por sua vez, é materializado pela linguagem em forma de texto, que, por sua vez, acompanha as transformações sociais, políticas, religiosas, enfim, de toda natureza pertinente à vida humana, assim como o próprio tripé da AD (Língua-Cognição-Sociedade/ Linguística-Psicanálise-Marxismo).

No que tange ao sujeito da AD, ele é pluralizado, é atravessado e atravessa diversas manifestações discursivas; sujeito incompleto, que pode assumir distintos papéis sociais e variadas posições em um texto, mas que se completa na medida em que o discurso emerge. Trata-se, pois, de um sujeito histórico, o qual se remete (e é remetido) a uma memória discursiva, a qual, por seu turno, produz efeitos de sentido. De acordo com Orlandi (2005, p.20), esse sujeito é “afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam”, ou seja “o sujeito discursivo funciona pelo *inconsciente* e pela *ideologia*” (grifos nossos). Assim, na enunciação, ele se assujeita, deixa de ser um indivíduo isolado e passa a pertencer a uma sociedade, a um espaço coletivo determinado pela manifestação discursiva (ORLANDI, 2005).

A AD encontra no sujeito uma forma de perceber os efeitos presentes no discurso, tais como as condições sociais e as condições de produção, que, refletidas no discurso, resultam em uma relação que inclui os sujeitos e a situação, assim como Orlandi (2001, p.15) explica:

(...) isto se dá no jogo das chamadas formações imaginárias que presidem todo

discurso: a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto discursivo. Assim como também se tem imagem que o interlocutor tem de si mesmo, de quem lhe fala, e do objeto discursivo.

Orlandi (2001) expõe a forma que o sujeito enxerga o momento do discurso, esse jogo das formações imaginárias, faz com que o sujeito entre num campo imaginário que o leva a imaginar as formas e as condições de discursar. Na formação discursiva, os enunciados já estão determinados, e um conjunto dessa formação discursiva resulta no interdiscurso. Interdiscurso é aquilo que já foi dito, é aquilo que se fala e se remete a uma memória discursiva, um pré-construído.

Perante qualquer relação de sujeito, memória, discurso, percurso, já-dito e predeterminado, o sujeito solidifica-se na posição em que ele próprio se encontra, a exemplo do Papa, um sujeito que obedece aos comandos de um Sujeito Superior, que é Deus. Apesar disso, o Bispo de Roma é o chefe da grande Igreja Católica, o que o torna um sujeito na posição do poder, o qual, por seu turno, reflete-se no seu discurso, no valor que lhe é dado pela sociedade, assim “o sujeito encontra, na linguagem, os recursos para lidar com o poder, para redistribuir a tensão que embate entre direitos e deveres, responsabilidades, cobranças e justificativas” (LAGAZZI, 1988, p 97).

3 | DISCURSO RELIGIOSO

O discurso religioso tem papel fundamental na sociedade e tem também uma função relativa à formação social, assim como o discurso jurídico, o discurso familiar, o discurso escolar. De acordo com Melo (2018):

A religião é, relativamente, um suporte social, no qual os sujeitos se espelham, assim como no âmbito jurídico, para a normatização de seus atos, e é, segundo a própria bíblia – escrita por homens, segundo Deus –, acreditar sem ver. Dessa forma, a religião materializa-se por meio dos discursos, sendo estes a propagação de uma “realidade” utópica, assim como afirma Orlandi (2011), no artigo “O Discurso Religioso” (MELO, p. 25, 2018).

No que diz respeito ao discurso religioso, é projetado falas de acolhida, de conforto, de proximidade a Deus, porém, calcados na configura e institucionalização de um discurso, encontra-se um discurso que também pode assustar, condenar e/ou distanciar os sujeitos de Deus. Pensar em religião é pensar nas condições impostas aos fiéis que a seguem, pensar no mecanismo de persuasão – como uma construção imaginária acerca do próprio sujeito institucionalizado¹ – e nos rituais criados para que a instituição permaneça firme sobre a pedra em que foi edificada. Por isso, pode-

¹ De acordo com Melo (2018), o sujeito institucionalizado, é aquele que está interpelado a uma prática discursiva determinada, como, por exemplo, o discurso religioso, que é constituído por meio de dizeres inquestionáveis, postos em validação pela legitimidade dada pelo próprio sujeito, a reconhecendo enquanto uma instituição.

se entender o discurso religioso como um discurso autoritário, que, segundo Orlandi (2001), é o que melhor classifica o discurso religioso.

“Este reconhecimento social e institucional permite ao ordenado ser porta-voz de Deus, um sujeito de autoridade sobre os fiéis. Esse lugar de porta-voz” (MELO, p. 29, 2018). Nesse contexto, o discurso religioso, para que se realize, necessita da chamada ilusão de reversibilidade, que seria a possibilidade de se passar do plano espiritual (divino) para o temporal (humano) e vice-versa. O discurso religioso age como se houvesse uma fronteira invisível², sendo que essa fronteira é “rígida entre lugares ocupados na instituição e entre sujeitos autorizados” (MELO, p. 29, 2018), fazendo com que o próprio discurso religioso faça com que ele “se (re)afirme enquanto discurso autoritário” (MELO, p. 29, 2018). Segundo Orlandi (2001), isso pode acontecer de duas formas: de cima para baixo, quando Deus alcança os fiéis, o que se dá, por exemplo, por meio dos sacramentos; ou de baixo para cima, quando os fiéis buscam uma forma para alcançar Deus, tais formas como a oração, o jejum, a penitência e a confissão.

4 I “PADRE, PERDÃO, EU PEQUEI”: RITOS INFINDOS, DEUS REALMENTE PERDOA?

De frases determinadas, de ritos que se permutam, o sacramento da penitência e reconciliação, mais comumente conhecido como confissão, o ato de confessar, o constrangimento de confessar, a insegurança e o pavor da confissão ainda (re) significam a imagem acerca do fiel, de Deus e da instituição religiosa.

O *Dicionário Teológico*, de Claudionor Corrêa de Andrade (1998, p. 92), define a *confissão de pecados* como “a admissão pública de se haver transgredido a lei de Deus. Essa confissão pode ser feita diretamente a Deus, ou à igreja. O catolicismo romano, porém, ensina que a confissão deve ser feita apenas ao sacerdote, pois somente este tem autoridade para promulgar a absolvição”. O mesmo dicionário conceitua *confissão geral* como “confissão particular de todos os pecados que possam ter sido cometidos por uma pessoa”, isso de acordo com o Catolicismo Romano (ANDRADE, 1998, p. 92). Como dito anteriormente, o sacramento da confissão divide opiniões, de modo que se encontram defensores e opositores a tal prática, realizada em especial dentro dos preceitos do Catolicismo Romano, ou seja, da Igreja Católica Apostólica Romana.

Embora muitos acreditem que a confissão seja mais um elemento na esfera coerciva, muitos, também, ainda efetivam essa prática, como habitual, o que faz com que este ritual se torne, ainda mais, validado pelo discurso religioso católico. Uma prática ritualizada e legitimada, pois o penitente, arrependido de seus erros, aproxima-se do sacerdote, pronuncia uma frase estabelecida e, em seguida, fala a respeito de seus males feitos, mesmo sem ter a sorte de estar num confessionário; o padre, por

2 Sobre fronteira invisível, conferir Pêcheux (1990).

sua vez, ouve o confessor e, no fim, dá-lhe absolvição e uma penitência, o que resulta em num alívio para o confessor, o qual, a partir desse momento, deixa para traz os pecados cometidos e se torna aos olhos da Igreja novo Homem. A confissão é bastante importante para o Catolicismo Romano, de tal forma que é uma exigência para que o fiel receba outros sacramentos, como o sacramento da eucarística, da crisma (ou confirmação) e do matrimônio. Além disso, durante o período da Quaresma, solicita-se que o fiel se confesse para a Semana Santa e a Páscoa.

Assim, essa prática ainda muito forte na Igreja Católica representa um momento de conversa (ainda que mediada ou ilusória) com Deus.

A confissão dos pecados (acusação), mesmo do ponto de vista simplesmente humano, nos liberta e facilita nossa reconciliação com os outros. Pela acusação, o homem encara de frente os pecados dos quais se tornou culpado: assume a responsabilidade deles e, assim, abre-se de novo a Deus e à Igreja, a fim de tornar possível um futuro novo. **A declaração dos pecados ao sacerdote constitui uma parte essencial do Sacramento da Penitência.** (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000, p.400-401 - grifos nossos).

“Seus pecados estão perdoados em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Essa é a frase, pronunciada sempre por alguém que recebeu o sacramento da ordem (padre, bispo etc.), que confirma o ato religioso e que interpela os indivíduos, reconciliando-os com Deus. Se outros sujeitos buscassem realizar o mesmo sacramento, proferindo o mesmo discurso, esse não receberia validação, visto que a validação depende de ser realizado por quem foi ordenado pela ideologia da instituição católica.

Como Cristo confiou a seus apóstolos o ministério da reconciliação, os Bispos, seus sucessores, e os presbíteros, colaboradores dos Bispos, continuam a exercer esse ministério. De fato, são os **Bispos e os presbíteros** que têm, em virtude do Sacramento da Ordem, o **poder de perdoar** todos os pecados (...). (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000, p.403 - grifos nossos).

Dessa forma, compreende-se que exista um a divisão entre as classes do discurso religioso, ficando subentendido que quanto mais poder ser tem, mais perto, mais semelhante, mais digno de Deus é. Chauí, em *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida* (1984), afirma que um dos principais motivos para a necessidade da confissão é a questão afetiva, sexual. Assim como Chauí, o Papa Francisco também fala no contexto da sexualidade, remetendo uma situação à outra (confissão e sexualidade).

Enquanto o Papa Francisco diz que a confissão é importante, mesmo nas condições de homosssexualidade e aborto, Chauí (1984) retrata que a confissão reprime e controla a sexualidade. A seguir um recorte de uma entrevista do Papa Francisco:

SD1: Papa Francisco: *Esta é também a grandeza da confissão: o facto de avaliar caso a caso e de poder discernir qual é a melhor coisa a fazer por uma pessoa que*

No trecho, o Papa salienta os pontos positivos do sacramento da confissão: ela é individualizada, um momento de relação estreitada entre o Homem e Deus, em que àquele é dada especial atenção, de modo que a penitência (“*a melhor coisa por fazer*”) é direcionada a uma determinada pessoa, e não à comunidade em geral. O ato de procurar Deus é visto com compaixão, fazendo com que o penitente seja absolvido, mas não está isento da penitência. Dessa forma, a religião se torna algo imaginário, fazendo com que o pecador acredite que “de um lado, temos sempre a onipotência divina, de outro, a submissão humana. Não se alterou o poder de dizer” (ORLANDI, 2011 p. 247), porque o sujeito padre não só representa a divindade em imagem e semelhança Deus, mas também nas atitudes e na misericórdia, perdoadando.

Mesmo o Papa dizendo que o padre tem o poder de discernir sobre os efeitos dos casos, resultando no perdão ou na penitência, Chauí (1984) defende que, ao se confessar, o sujeito não apenas incorpora o ritual, ele também colabora com a sua manutenção, com o fortalecimento de uma ideologia. Isso porque, “aceitando confessar-se, a acusada realizava a finalidade principal da Inquisição como instituição: reconhecia o tribunal e, portanto, reforçava o sistema” (CHAUÍ, 1984 p.105). A seguir, outro recorte:

SD2: Papa Francisco: *O confessionário não é uma sala de tortura, mas lugar de misericórdia, no qual o Senhor nos estimula a fazer o melhor que pudermos.*

O Papa Francisco defende que o confessionário, espaço físico, não aparenta ser aquilo que ele é para muitos fiéis: um lugar de tortura. Todavia, o fato de o Papa afirmar que confessionário não é “uma sala de tortura” reafirma a ideia de ser sim um espaço torturante, já que aflige, causa incômodo, tanto que a sala de confissão é fechada e, geralmente, um espaço bastante pequeno. Assim, ao negá-lo, reafirma-se um sentido socialmente partilhado por alguns indivíduos: confessar é algo difícil, às vezes humilhante.

No entanto, dirigir-se a prática, buscar o ato da reconciliação, da misericórdia é “o caso em que o homem é que vai até Deus [...]. É a partilha do movimento de baixo para cima” (ORLANDI, 2001, p.251). Com a necessidade de perdão, o Homem busca se confessar, acreditando encontrar no ato a remissão de que precisa. Logo, o contato entre o perdão e o pecador não é mais visto como tortura, mas como graça. Assim, o ato desliza entre o flagelar-se e o glorificar-se, entre a humilhação e a glorificação. Confessar é humilhar-se diante de Deus para glorificar a Ele e a si mesmo, já que no perdão recebe-se a Glória Divina.

Nesse sentido, Chauí (1984, p. 109) comenta que a confissão é um bem e um mal, que, mediante um movimento cíclico, ou seja, sem começo nem fim, liberta e reprime.

O *Catecismo prevê* a objeção do fiel: não é terrível confessar a outrem o que nos causa vergonha? Resposta: “Ainda que pareça duro, é preciso fazê-lo, porque do outro modo não se pode conseguir o perdão dos pecados cometidos e porque a dificuldade de confessar-se fica compensada por muitas vantagens e grandes consolações”. Assim, é o aspecto *catártico* ou purificador, a exteriorização do tormento interiorizado, que torna a confissão um bem. O que, sem dúvida, é verdade. E como não seria assim, depois que aprendemos a nos atormentar? O mecanismo fundamental consiste, pois, em nos *liberar* depois de nos haver reprimido, mas sob a condição de aceitar nova repressão. (grifos da autora).

Para Chauí, a confissão configura-se como um ato é negativo, uma vez que reconhecer o erro já é, por si só, humilhante, vergonhoso, quem dirá expô-lo a outra pessoa. A autora defende ainda que o ato de confessar reprime os desejos (indiferentemente das classificações), libera, liberta, para em seguida reprimir novamente, pois para viver nos caminhos do Pai, o Homem deve reprimir suas condições humanas ou então recorrer à penitência.

Segundo o Papa, se o causador do ato se arrepende de verdade, o perdão lhe é dado. Portanto, o confessor não deve nutrir sofrimento pelo pecado cometido, pois o perdão significa o esquecimento do seu pecado. Assim, “confessar-se fica compensada por muitas vantagens e grandes consolações” (CHAUÍ, 1984, p.109). Desse modo, se o penitente recebe o perdão, ele não deve (ou não deveria) viver com o peso do pecado.

SD3: Papa Francisco: *Aqui entramos no mistério do homem. Na vida, Deus acompanha as pessoas e nós devemos acompanhá-las a partir da sua condição. É preciso acompanhar com misericórdia. Quando isto acontece, o Espírito Santo inspira o sacerdote a dizer a coisa mais apropriada.*

A fala de Francisco tem tanta autonomia e poder quanto a voz da Igreja, que é transpassada de chefe para chefe, por isso já é determinada e defendida por quem a governa. Dessa forma, “o sujeito encontra, na linguagem, os recursos para lidar com o poder, para redistribuir a tensão que embate entre direitos e deveres, responsabilidades, cobranças e justificativas” (LAGAZZI, 1988, p 97). Nesse contexto, a fala, mesmo que sistematizada, por vezes até repetitiva, tem sobre os fiéis fusão e sentido, significando, assim, qualquer justificativa de existência humana.

Sobre os reflexos da SD3, existe a separação de posições dentro do discurso religioso, delimitando aos mistérios humanos (que não são nada perante tal discurso) e os mistérios de Deus (onipotente e misericordioso), e “faz ainda parte da consequente da ilusão, o fato de que a voz de Deus é que fala em seu representante” (ORLANDI, 2011 p.257). O Papa deixa isso claro ao dizer que a misericórdia se dá por meio do Espírito Santo que inspira o sacerdote, o qual não é mais que um ser humano em condições de ordem, porém tão falho quanto o sujeito fiel. Cria-se, assim, uma importante oposição no discurso religioso: Deus e Homem, é àquele que o discurso

religioso pertence, é sobre Ele que fala, é a Ele que se volta. Assim, o padre, na confissão, é inspirado por Deus – na figura do Espírito Santo – a dizer a coisa certa ao confessor, a dar-lhe a penitência adequada, a consolar-lhe das aflições. Trata-se, por conseguinte, de um ato de misericórdia, que deve ser realizado mediante um olhar misericordioso sobre o pecador.

Para fechar, podemos dizer que “a confissão é, poderíamos dizer, uma técnica da fala” (CHAUÍ, 1984 p.108 – grifos da autora), de forma que o ritual perpetue, sendo que é preciso “perder-se para salvar-se” (ORLANDI, 2001), uma vez que recorrer ao ministério da reconciliação significa precisar de ajuda, de amparo, e o poder de reconciliar, amparar cabe ao sacerdote, aquele que já foi preparado e instruído em sua formação vocacional. Assim, “o poder do confessor é total, pois a ‘forma do sacramento da penitência é: Eu te absolvo dos teus pecados’” (CHAUÍ, 1984 p.109 – grifos nossos), e absolvição do pecado é o resultado que qualquer pecador que está interpelado pela ideologia religiosa anseia.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a sociedade é interpelada e direcionada por discursos munidos de poder. Assim, a sociedade cristã ocidental, mais especificamente a católica, tem sido direcionada por vozes que atuam e se perpetuam, tais como o Papa Francisco, a de outros Papas (falecidos ou não) ou Santos (mártires em vida que foram canonizados), consideradas, assim, a voz de Deus, sendo esse o sujeito superior no discurso religioso.

No entanto, essas vozes que ecoam e fazem efeito sobre a vida dos seguidores são repassadas por sujeitos humanos, tão submissos quanto os fiéis, mas que estão habilitados a falar em nome de Deus, preparados e ensinados a ministrar, o que entra em conflito entre “falar com Deus” ou “falar com o homem”, a exemplo da confissão, na qual o fiel busca a graça do Pai por meio do reconhecimento público (ao padre) dos seus pecados.

Enfim, a coerção social nem sempre influencia os sujeitos por igual, pois, ao pensar em confessar, muitos sujeitos se sentem retraídos, mas nem tudo é regra, o que para uns parece um martírio, para outros é a luz no fim do túnel.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. São Paulo: Canção Nova, [20-].

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. 2.ed. Campinas, SP: Unicamp, 2004.

CHAUÍ, M. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CONFISSÃO DE PECADOS. In: ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Dicionário teológico*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998. p.92.

CONFISSÃO GERAL. In: ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Dicionário teológico*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998. p.92.

FREITAS, F.C.; MELO, H. R. M. Da boca do povo para a boca do Papa: análise dos sentidos sobre o casamento homossexual na fala do Papa Francisco. In: SIMPÓSIO DE PESQUISA EM LETRAS, 1, 2014, Universidade Estadual do Norte do Paraná, Jacarezinho-PR. *Anais [...]* Jacarezinho-PR, 2014, p.48-58.

LAGAZZI, S. *O desafio de dizer não*. Campinas: Pontes, 1988.

MELO, Heitor Messias Reimão de. *Jogos de legitimidade em/como relações de força institucionais na sustentação de verdades no/do discurso cinematográfico de Spotlight – Segredos Revelados (2015)*. 186p. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

ORLANDI, E.P. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: SEAD – SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Anais do SEAD*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>>. Acesso em: jul. 2015a.

ORLANDI, E. P. *O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo*. In: SEAD – SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Anais do SEAD*. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/2SEAD/CONFERENCIA/EniOrlandi.pdf>>. Acesso em: jul. 2015b.

ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: princípios & procedimentos*. 6.ed. São Paulo: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4.ed. 2.reimp. Campinas, SP: Pontes, 2001.

Pe. SPADARO, A. Entrevista ao Papa Francisco. *Revista Civiltà Cattolica*, L'Osservatore Romano, ano XLIV, n. 39, domingo, 29 set. 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html>. Acesso em: maio 2015.

PÊCHEUX, M. Délimitations, inversões, déplacements. In: PÊCHEUX, M. L'Homme et la Société. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n.19, p.7-24, jul.-dez., 1990.

PETEAN, A.C.L. *O discurso religioso*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/35/07.htm>>. Acesso em: jul. 2015.

PETEAN, A.C.L. O sujeito e a (ilusão) da reversibilidade no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus. In: *Labirinto: Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário*. Universidade Federal de Rondônia, ano 5, n. 8, jul.-dez. 2005.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-068-1

